

## Carlos e Domitila: amor que sobrevive ao tempo

*Sônia Regina Silva*



*O Homem Amarelo* (1915-16) e *A Estudante* (1915-16), Anita Malfatti (1889-1964).

Coisas do destino: o relógio não parou para as personagens – Carlos e Domitila. Anos se passaram para o (re)encontro acontecer em solo estrangeiro. Carlos e Domitila foram dois adolescentes que, entre os 15 e 17 anos, vivenciaram um intenso e feliz romance na época em que estudaram juntos em um dos mais tradicionais colégios cariocas, o colégio Santo Agostinho, na Rua José Linhares, nº 88, no Leblon, Rio de Janeiro. Era no pátio do colégio, durante os intervalos, em meio ao jardim todo



colorido, oriundo da primavera, que ocorriam as primeiras trocas de olhares entre os dois, o que propiciou a eles viverem, por algum tempo, os seus anos dourados do amor. A paixão foi fulminante. E, diante disso tudo, houve a inesperada separação por conta da mudança de Carlos com a família para a Europa, mais especificadamente, rumo à França. Assim, permaneceram ao longo de uns dez anos sem trocarem cartas e notícias diante desses contratempos da vida. Porém, o destino, mais uma vez, os uniu, de modo que, em um lindo dia ensolarado, diante de um belíssimo cenário francês, agradável pelas manhãs primaveris, na cidade de Marselha, por onde Domitila estava a passear, ela ouve uma voz ao longe que diz (com forte emoção):

– Domitila, meu amor!!!

Domitila espantada e surpresa com a misteriosa voz, enquanto passeava pelas ruas de Marselha, vira-se para à esquerda, olha e responde ao chamado:

– Carlos!!! – É você??!!

Carlos, em seguida, responde (sem acreditar, por alguns segundos, que, realmente, a sua frente, poderia ser aquela mulher do seu passado, o seu grande amor, Domitila), mediante tamanha felicidade:

– Sim!!! Sou eu, o seu Carlos, minha bela e querida Domitila. Quanto tempo! Pois, o destino, abruptamente, nos separou.

Domitila, fixamente nos olhos de Carlos, expressa os seus sentimentos movidos pela dor da separação.

– Lembro-me, Carlos, quando você partiu. Foi terrível para mim, conviver com a sua ausência. Fomos separados, naquele momento, por ironia do destino. Você mudou-se para outro país e, sozinha, fiquei no Rio de Janeiro. Mas, hoje, aqui estamos, na França, defronte um para o outro depois de anos, porque resolvi viajar mares para lhe encontrar.



Neste instante, ambos ficam silenciados por alguns segundos como se o (re)encontro estivesse dando uma nova oportunidade para que aquela paixão do passado, novamente, reacendesse o amor dos dois como se fosse a primeira vez. Assim, Carlos, em seguida, indaga:

– Ohhh... Domitila!!! QUE SAUDADES!!

Domitila responde saudosista em relação aos bons tempos que viveram no auge da adolescência.

– SIM... MUTTAS SAUDADES, MEU AMOR!!

Carlos, em meio a tantas emoções, movidas pelas saudades, sente-se mal. Assim, diante de uma indisposição momentânea, ele grita:

– Ai, ai, ai... Domitila??!! Não estou lhe vendo... Somente a escuto, ainda assim, com muita dificuldade. Sua voz está cada vez mais distante de mim. O QUE ESTÁ ACONTECENDO?! Sinto raiva por assim ficar diante de tamanha emoção ao reencontrá-la. Pois, tenho a impressão de que a estou perdendo novamente.

Domitila reage, dirigindo-se, imediatamente, a Carlos, e lhe pergunta:

– Carlos o que sente?! Não suportaria também lhe perder novamente!

Carlos, nesse mesmo instante, começa a estremecer e, em seguida, cai em pleno solo de Marselha. Então, Domitila o chama pelo nome:

– Carlos!!... Carlos!!... Meu Amor!!! Por favor, não me deixes! Não resistiria perdê-lo mais uma vez.



Domitila, envolvida por tamanha tristeza, o beija como se fosse a última vez. Paira no ar um imenso silêncio, mediante uma forte ventania. E, minutos depois, inesperadamente, Carlos retoma os sentidos e diz a ela:

– Juro-te amor eterno! Agora sei que o nosso amor sobreviveu ao tempo, resistindo à distância até o presente momento.

Domitila (feliz como nunca, ao vê-lo com os seus sentidos recuperados) diz a Carlos afirmando:

- Sim, meu querido... A separação que nos envolvia foi providencial para termos a certeza de que a nossa estória estava escrita. O tempo não pode apagar o nosso amor, que tem como destino a eternidade. Amo-te, Carlos! Sei que sempre te amei, antes mesmo de tê-lo o visto.

E, assim, se abraçaram em meio à multidão com a alegria de que, ainda, poderiam crer no AMOR.

